Vida MUNDIAL Ilustrada

ANO I — N.º 11 — 31 DE JULHO DE 1941 — PREÇO 1 ESC.

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

O CHEFE DO ESTADO PARTIU PARA OS AÇORES no meio duma eloqüente manifestação de unidade nacional. A foto mostra-o no momento em que principiava a subir a escada de portaló do «Carvalho Araújo». Enquanto o povo e a «Mocidade Portuguesa» o aclamavam, o sr. Presidente da República despede-se dos amigos.

Redacção e Administração: Rua Garrett, 80, 2.º Lisboa Telefone 25844

Vida Mundial Ilustrada

JOSÉ CANDIDO GODINHO
Director

JOAQUIM PEDROSA MARTINS
Editor e Proprietário

NOS PRÓXIMOS NÚMEROS, COLABORAÇÃO DE

PROF. DR. MANUEL RODRIGUES
PROF. BARBOSA DE MAGALHÃES
FERREIRA DE CASTRO
PROF. DR. HERNANI CIDADE
GENERAL FERREIRA MARTINS
DR. LOPES DE OLIVEIRA
MANUEL L. RODRIGUES

ASSIS ESPERANÇA
DR. SOUSA COSTA
ROBERTO NOBRE
DR. CASTRO FERNANDES
DR. JOSÉ RIBEIRO DOS SANTOS
DR. CAMPOS PEREIRA
MANUELA DE AZEVEDO

DR. ANSELMO VIEIRA
JOAQUIM PAÇO DE ARCOS
JOSÉ LOUREIRO BOTAS
GRACIETTE BRANCO
BRAMÃO DE ALMEIDA
Etc.

LENDAS

DUM BOSQUE ENCANTADO

Devagar, ao calor espêsso da tarde, sucede-se a leve brisa nocturna; o sol vai longe no céu. Começa a descer sôbre a terra a grande sinfonia das sombras. E, pelo talvegue até o rio distante, o casario branco adormece lentamente na penumbra que chega num rumor de poesia que todos os dias a esta hora se repete. Dentro em pouco, o rio desapareceu já por completo. Aqui e além, sôbre as colinas da cidade, cada janela é uma luz e uma confidência, luzes imprecisas e vagas, silenciosas no seu drama, como certas bôcas que se entreabrem para uma revelação — e não têm coragem de confessar o seu segrêdo. Mas aqui, ficam perdidas no vago, essas luzes ausentes, na cidade ausente. No grande bosque encantado, só conversa connôsco a voz serena das sombras. Recortam-se no claro-escuro os torreões discretos de pequenos castelos misteriosos; tufos de verdura emmolduram-nos duma suavidade discreta — e espera-se ver surgir, de repente, nas ameias, mal recortadas na sombra, as silhuetas fantásticas de mil gnomos indiscretos. Mas a ilusão dura o tempo de tôdas as ilusões — e só o sonho, mais forte do que elas, consegue, afinal, durar.

Mas o grande milagre já não tarda. Agora, as palmeiras enormes debruçam-se sôbre as acácias e as avencas, numa comunhão afectuosa e eterna. Dir-se-ia que os próprios lagos adormecidos despertam a pouco e pouco para a vida. E nas suas águas tranqüilas espelham-se reflexos de mil côres. E as rãs coaxam ao longe. E o milagre chega. Na calma quietação da noite, os homens quási se esquecem da sua triste condição humana. Para lá das nenúfares, dos fetos arbóreos e das begónias que se acumulam num voto de pujança e de côr, estão pequenas grutas de pedra. Junto delas, correm regatos suaves, que, mais tarde, se transformam, em cascatas melodiosas e cristalinas. Então, para além de tudo quanto já é sonho, fantasia, outra fantasia e outro sonho começam a envolver-nos, de repente. Dez, vinte, trinta vozes de criança, erguem, no espaço imenso, melodias de Rameau, de Schubert, de Mozart. Depois, são cânticos religiosos da Idade Média francesa. E os torreões que se recortam junto aos lagos, sugerem-nos, sem querer, velhas catedrais erguidas para o céu, num gesto de sacrifício e de resgate. Algumas noites antes, uma grande orquestra trouxera, num deslumbramento ao silêncio encantado dêste bosque, os acordes inesperados e misteriosos da «Bourrée fantastique», de Chabrier, ou a suave harmonia dos «Nocturnos», de Debussy. Mas hoje, os pequenos cantores da «Croix de bois», que mal adivinhamos por detrás das árvores, trazem, talvez, uma diferente mensagem, ainda mais expressiva.

Milagre de bom gôsto e de arte. Strauss aproximara-nos, noites antes, das «Lendas da Floresta Vienense». Mas o bosque encantado confidencia-nos agora velhas canções portuguesas. O «Vira do Minho», «Sou ceguinha de nascença», chegam-nos de mais perto, e enchem a harmonia verde do cenário na pronúncia arrevezada dêstes homens franceses de amanhã, crianças errantes na Europa de hoje. E o milagre afirma-se por completo nesta evocação lendária, poesia pura, que encheu de beleza, numa noite de sonho o cenário, único no Mundo, da Estufa Fria, em Lisboa.

LUIZ FORJAZ TRIGUEIROS

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Continente e Ilhas: 3 meses (12 números) — 11$00; 6 meses (24 números) — 22$00; 12 meses (48 números) — 43$00. — **África:** 12 meses (48 números) — 60$00.

Estrangeiro c/convenção — 12 meses (48 números) — 65$00.

Estrangeiro s/convenção — 12 meses (48 números) — 80$00.

COMPOSTO E IMPRESSO nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.da — Tr. da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

Em Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 19, 2. Telef. 2 6942 — Lisboa

Visado pela Comissão de Censura

PORTUGAL 1941

crónica por Alice Ogando

ISRAEL

Bernstein apareceu de novo, e em boa hora, num palco português, desta feita com a sua peça «Israel».

Houve, na apresentação desta obra, o singular propósito, que eu não posso compreender, de lhe tirar todo o carácter de peça de tese, afirmando-se que o seu autor pretendia, pura e simplesmente, dar uma obra emotiva e nunca soltar um grito de defesa a favor da sua raça.

Eu só conheço a peça em francês, e aí não pode ficar-nos dúvida de que o autor serve o judeu com todo o seu admirável talento, dizendo o que quere dizer, afirmando o que quere afirmar. Mas não será justamente êste o seu grande mérito?

Bernstein, entrevistado nessa época, antes de subir o pano para a sua primeira representação, disse, sim, que não sacrificava o dramaturgo ao judeu, que na sua peça não se davam conversões, as personagens católicas no primeiro acto, católicas ficavam até ao fim.

Mas é bom não esquecer que êle disse também — e por tal merece duplamente a nossa consideração — que está muito contente por ser judeu, e acrescenta: «Não digo orgulhoso, porque me parece ridículo alguém orgulhar-se de uma coisa tão involuntária como o nascimento». Afirma ainda que deve, decerto à sua origem, a chama de arte que o consome, que seria ingrato e cobarde não amar êsse sangue que lhe corre nas veias.

E são ainda suas estas palavras:

«Reconheço a todos os homens, de tôdas as raças, o direito de se integrarem com a sua ascendência.»

E para que nenhuma dúvida fique sôbre os seus sentimentos diz ainda: «que se põe ao lado dos anti-semitas para desprezar, ainda mais do que êles, o judeu que pede perdão de ser judeu, de quem, cada atitude, cada insinuação, cada admiração, é uma vil desculpa mascarada.»

Bernstein desejou fazer viver um judeu em cena: escreveu «Israel». Depois o dramaturgo, cuja mão foi guiada pelo homem escreveu a obra. O que se passa dentro dos seus três actos é vida, porque o autor mesmo se confessa incapaz de atirar para a cena o que não seja um pouco de humanidade.

Não sei até que ponto pode ter ido o arranjo para a representação desta obra em Portugal. Não ignoro que muitas vezes é preciso «arranjar», sem o que, muitas obras não seriam representadas nem lidas, e como eu também digo sempre o que quero dizer, neste «arranjo» não há um vislumbre de ironia mas simplesmente de compreensão.

Seja como fôr, tenho a certeza que muito ficou do original e por isso há-de sentir-se palpitar nesses três actos intensos, humanos até à dor, quási mais verdadeiros do que a própria vida, o depoimento de um judeu.

Nem esta peça podia ter sido escrita senão assim, com a verdade saída da alma, com o próprio sangue, com um nobre orgulho a gritar direitos. Não é uma obra de tese, «Israel»? Então, quem nos dera a nós que tôdas as teses fôssem defendidas com tanto vigor, com tamanho entusiasmo!

Para mim — e mesmo que seja para mim só, não fico triste — «Israel» não é só uma grande obra de teatro mas o grito vitorioso de um judeu. Ora, não tendo nós ainda, graças a Deus, o «dever» de detestar a raça de Israel, para que, então, afirmarmos com tão grande desejo de que nos acreditem, que o autor não defende uma raça e — o que é mais — a sua raça!

Atirar para o palco uma obra de arte de incontestável mérito, é gesto que vale pelo mais gritante rèclamo; assim, para que negar ao autor as suas nobres intenções?

Estou convencida que um bom cristão pode ver e aplaudir «Israel» sem sentir abaladas as suas crenças. O próprio autor faz viver a uma das suas personagens — a duquesa de Croucy — as maiores torturas, rouba-lhe o amor, o direito à felicidade, sem que mesmo assim ela renegue o seu Deus. E Bernstein é judeu!

Além disso parece-me de cada vez mais necessário ensinar a ver e a compreender a obra de arte, apenas como obra de arte. Que importa o facto de não concordarmos com a sua tese? Se o autor a defende com brilho e inteligência, só nos resta aplaudir o artista e discordar do homem.

Para mim, tão nobre é um judeu que diz, orgulhosamente, «Sou judeu» como um cristão que morre agarrado à Cruz. Ambos são dignos, ambos são humanos, quando sinceros.

Acudiram-me estes raciocínios quando da primeira representação de «Israel», ao ver negada tão vigorosamente, a «intenção» da peça de Bernstein, como se, defendendo a sua raça, o sublime autor da «Garra» se tornasse réu de alta traição.

Não costuma ser rebelde a minha memória, mas, depois de tão vibrante afirmação, tornei a ler «Israel». Nada tinha mudado: nem a peça, nem a minha compreensão: o judeu lá está, com a sua fôrça, a sua inteligência, o seu talento, defendendo bravamente a sua raça.

E, mais ainda, momentos há em que, do alto da sua razão, o judeu acusa.

Ao terminar esta nova leitura de «Israel», sentindo tôda a minha sensibilidade vibrar à ordem do autor, guardo dêste três actos a impressão de sempre, e mais uma vez pensei, com respeito: ditosa raça que tais filhos tem!

Se àmanhã ouvir dizer que, por exemplo, «Joana d'Arc» não é uma peça de intuitos religiosos, eu pedirei também, em nome da mais rudimentar justiça, que se dê a Cesar o que é de Cesar, e a Deus o que é de Deus.

P. S. — Eu não sou judia, por acaso.

A LETRA V. MATERIAL DE GUERRA

A letra V foi «mobilizada», entrou na guerra, é uma letra beligerante. As nações inimigas jogam-na, dando cada qual à letra V a interpretação que melhor lhes convém. Guerra dos nervos se chama a isto.

Eu gosto da guerra do V porque sou poeta, porque sou mulher e o meu entusiasmo arde alto como a chama viva que desenha o V da vitória da civilização.

Há quem não goste desta guerra V, quem a considere pueril, bravata inútil, imprópria para o trágico momento que o mundo atravessa. Numa palavra, para estas pessoas «sensatas», o V parece «vrincadeira», segundo afirmam, solenemente.

Eu gosto da letra V, é um verso heróico! Uma letra, às vezes, pode ser um símbolo eterno. Cambrone, por exemplo, lavrou o seu imortal protesto com um M que passou à história.

As pessoas sensatas ainda desta vez não têm razão. O V é uma acha de lenha que ajuda a manter vivo, o fogo patriótico.

Senão, vejamos: o que é um hino? Uma forma sonora, musical de V, que leva os homens à morte com maior bravura, e, muitas vezes até, com uma louca ânsia de fim». Que é uma bandeira? Outra forma de V que, quando agitada galhardamente diante de um batalhão, pode levá-lo à morte ou à vitória. A coragem do homem é uma flor fatigada já, que carece regada com música, com «Vigor»... com V.

O V não simboliza uma certeza,, não, mas uma esperança, uma linda esperança, e como o soldado é homem, vive para ela, morre por ela.

E, vamos lá, sempre vale a pena dar a vida — uma pobre coisa efémera — por um V eterno, que simbolize o grande triunfo da causa da Humanidade!

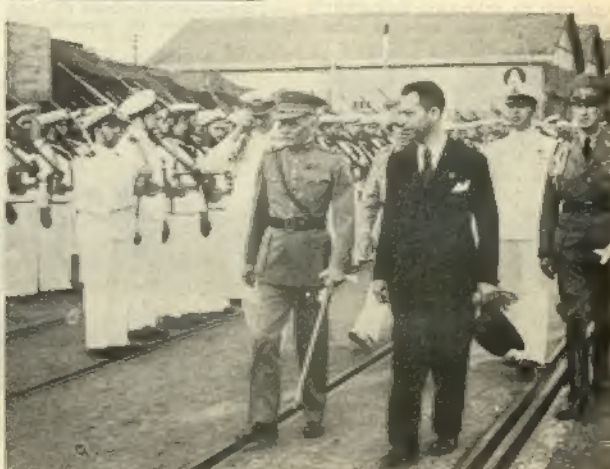
Humanidade!

Sim, é isso, já vai sendo tempo de fazer a guerra H!

(Continua na pág. 12)

A viagem presidencial aos Açôres

O CHEFE DO ESTADO despede-se do sr. Presidente do Conselho, poucos momentos antes da partida do «Carvalho Araújo».

O SR. DR. OLIVEIRA SALAZAR, o sr. Cardial Patriarca, vários membros do govêrno e outras individualidades no cais do Entreposto de Alcântara.

ACOMPANHADO DO MINISTRO DA MARINHA, que seguiu também para os Açôres, o sr. Presidente da República passa revista à guarda de honra.

O SR. GENERAL CARMONA, antes de entrar no barco que o levou ao arquipélago açoreano, aperta amigàvelmente a mão a muitos oficiais de terra e mar que foram apresentar-lhe cumprimentos de despedida.

A SENHORA DE FRAGOSO CARMONA, acompanhada de pessoas de família, dirige-se para bordo. Uma filiada da M. P. leva-lhe, à partida, um grande ramo de lindas flores.

ASPECTO DA ELEGANTE ASSISTÊNCIA aos Campeonatos Nacionais de Remo, disputados há dias entre os mais importantes clubes da especialidade.

OS CHEFES DE CONSERVAÇÃO E CANTONEIROS DA JUNTA AUTÓNOMA DAS ESTRADAS que receberam pelos seus bons serviços o «Prémio A. C. P.»

A ESCOLA N.º 3 DA SOCIEDADE «A VOZ DO OPERÁRIO» inaugurou na sua sede, na estrada de Chelas, uma interessante exposição de trabalhos escolares.

ENCRAVADA EM TERRITÓRIO ITALIANO, no litoral da Líbia, a praça forte de Tobruk, em poder dos ingleses, não se rendeu quando as fôrças germano-italianas comandadas pelo general Rommel empreenderam a contra-ofensiva que lhes deu grande parte da Cirenaica e que veio a esbarrar com a resistência britânica na fronteira do Egipto. As fôrças do «eixo» cercaram a praça e passaram adiante. Mas Tobruk não se rendeu... E a ofensiva germânica paralisou...

a Heróica Resistência de Tobruk

..E HÁ QUATRO MESES QUE RESISTE AOS ATAQUES contra ela dirigidos pelas fôrças que, em grande número, lhe estabeleceram o cêrco. Nas cercanias de Tobruk, para lá das suas linhas de defesa, há contínuos combates de «tanks» e de infantaria, que se ferem quási diàriamente. Lá dentro, os heróicos defensores vivem e trabalham com um elevado moral. A foto mostra-nos a redacção do jornal local — um periódico feito especialmente para a guarnição.

AS TROPAS DE TOBRUK desembarcam de bordo dum barco os seus fornecimentos em material e abastecimentos para a população. O facto da esquadra britânica assegurar a defesa do pôrto contribue, em grande parte, para a resistência que se prolonga e ficará como um notável feito de armas.

NAS LINHAS FORTIFICADAS DE TOBRUK, soldados australianos sôbre sebes de arame farpado e casamatas de cimento, vigiam o deserto que fica para lá da praça forte e onde, em cada momento, pode aparecer o inimigo.

Panorama Internacional

Ventos do oriente, ventos do ocidente

por Francisco Velloso

DEPOIS do remate da Síria e da assinatura da aliança anglo-russa, eis-nos de novo a sentir o solo em haustos trepidantes de explosões. O sismo estremece em dois extremos distantes de muitos milhares de léguas em três continentes e a própria dispersão de seus choques dá-nos a compreender, medida pela sua extensão imensa, o alastramento cada vez maior desta guerra que devora povos, como o Moloch sinistro devorava vítimas.

Depois de trinta e dois dias de campanha, a ofensiva alemã ainda prossegue na Rússia. Os comunicados de Moscovo, ao referirem-se às cabeças dos sectores, marcam em Esmolenco e em Zitomir os novos pontos do avanço dos exércitos do Reich. A imprensa germânica, segundo nos transmitem correspondentes da Suíça, não cessa de advertir com prudência a opinião do seu país contra a falsa previsão de facilidade e rapidez que realmente existem. A previsão de Hitler na sua proclamação aos exércitos, a 22 de Junho, cumpre-se à risca: «A sorte da Europa, o futuro do Reich alemão e a existência do nosso povo estão agora nas vossas mãos. Ides entrar num combate cheio de dificuldades e responsabilidades. Que Deus vos proteja nesta luta!».

É evidente que a Alemanha continúa a ter o maior interêsse em derrubar, sem grandes e forçadas demoras, a barreira que a leste se lhe vai opondo, mas não é menos certo que a dureza da resistência do povo invadido estava descontada por Hitler e pelo seu estado maior, o que por enquanto não impede o *Führer* de tentar executar as diversas secções do seu plano na altura ou pela ordem em que as distribuiu, sem perder a iniciativa. Podem novas circunstâncias entravar-lhe a marcha. Não é homem que, ao relâmpago das suas intuições, ceda um palmo dos seus projectos.

EM TÓQUIO

O ataque alemão à Rússia veio perturbar a política nipónica sacrificando um estadista, Matsuoka. O homem que assinou o pacto-tríplice e, dentro do sistema dêste, o de não-agressão com Moscovo, destinado a garantir ao Japão, de acôrdo com Berlim, mãos livres no Pacífico (do que a Rússia tirou a vantagem correspondente) não resistiu ao baquear fraudulento das suas concepções, quando Hitler ordenou a invasão da Rússia, derrubando o vigamento central que, durante quási dois anos, suportou a primeira fase das suas concepções político-militares.

A 18, o Príncipe de Konoye, que dias antes pedira a demissão, formava outro ministério, em cujo elenco aparecia um novo ministro dos negócios estrangeiros, o almirante Toyoda. A presença de Hiranuma, chefe dos chamados super-nacionalistas, e de um representante do alto comércio e da grande indústria, são os dois extremos entre os quais há-de tirar-se a impressão média do *tonus* político do gabinete.

A primeira declaração ministerial avisava de que as bases da política externa em frente do conflito internacional se mantêm intactas e de que o novo govêrno vai procurar «a unidade nas acções políticas e militares com uma vigorosa preparação militar do Estado». Isto, porém, pouco dizia. Mais interessante era procurar entrever os movimentos da opinião japonesa nos jornais de Tóquio.

MATSUOKA

O Japão anda a oscilar de há muito entre dois problemas terríveis: — o da guerra na China, e o da segurança dos seus abastecimentos industriais em matérias primas que êle tem de comprar aos Estados Unidos, às Índias Holandesas e à Índia, forçando-o a passar pela linha de Hawai, pelo estreito de Sonda e por Singapura. E se a primeira absorve os segundos, são estes que dominam aquela. A crise que Matsuoka julgou sustar, talvez acreditando no rápido desenlace da irrupção germânica vitoriosa na Europa com o apoio russo, tornou-se maior depois de 22 de Junho. Em Tóquio, pressentiu-se que era preciso evitar imediatamente uma aventura. O *Chugai Chimpo*, órgão da gente de negócios, exigia no dia da constituição do novo ministério, onde ela tem poderoso delegado, «a revisão da política diplomática». O *Nichi-Nichi* falava (repetindo quási nos mesmos termos uma expressão da Wilhelmstrasse) de que «o Japão apenas deve contar com a sua própria fôrça e não com o auxílio que eventualmente lhe pode ser oferecido por outras potências».

A orientação do govêrno está marcada nestes limites.

PARA O NORTE OU PARA O SUL?

TOJO

Em Londres, reconhecia-se nos meios diplomáticos a 15, que o Japão tem agora uma oportunidade única de engrandecer-se, que pode não voltar a repetir-se, porque nem a Rússia nem a Alemanha poderão exercer em Tóquio qualquer pressão; e nessa mesma data, da capital japonesa, ante a declaração por Moscovo de que as vias marítimas da península de Kamtchatca e do Mar do Japão passavam a ser consideradas zonas de perigo, o porta-voz do ministério dos negócios estrangeiros negava que navios alemães operassem nessas zonas.

Conjuntamente, a imprensa alemã e a de Vichy e de Paris, insistavam logo após a crise ministerial que o caminho estava à vista: — o Japão devia atacar Vladivostok, oprimindo a Rússia. Êste ponto de vista era, porém, oposto ao que, a 19, aquêle porta-voz atrás citado, acentuava aos jornalistas, isto é, que «o Japão deve contar consigo próprio *para realizar o seu ideal na Ásia Oriental*». E muito justificadamente, Berlim, verificando uma reintegração da política nipónica num ponto de vista exclusivamente japonês, desapontava-se com a saída de Matsuoka, acrescida «do facto de três membros do novo govêrno estarem estreitamente ligados aos meios comerciais e industriais».

Para onde pendem o príncipe de Konoye e o seu ministro da Guerra, general Tojo? Para o Norte ou para o Sul? A *United Press*, a 19, dizia que os círculos bem informados de Tóquio noticiavam um pedido formal da Alemanha para o desencadeamento imediato duma ofensiva na Sibéria Oriental, sôbre a base de Vladivostok. Mas tal notícia ficava no ar — não como visando a uma improvável hipótese, mas remetendo-a a uma altura em que a Rússia se desmoronasse. A passagem de largo combóio marítimo de tropas ao largo de Cantão, deu azo entretanto a que ganhasse mais vulto a ideia londrina, baseada em informações das vésperas da crise ministerial, de que a já anunciada mobilização geral nipónica (cujo sentido e amplitude se ignorava) apontava a repetir a manobra de Tóquio, tão visível na guerra da China, de actuar no sentido da menor resistência, isto é para o Sul, contra a Indo-China que, como a Thailandia, não é inimigo de temer, e ambas são ricas de matérias primas de que o Japão muito carece.

DECOUX COMO DENTZ

O almirante Decoux governa a Indo-China em nome de Pétain. Todos nos recordamos da transigência com que êle abriu as portas aos japoneses a quando da questão da estrada da Birmânia. Um tratado ditado pelo Japão deixou essas portas abertas. A Tóquio bastaria reforçar as guarnições que já morderam as fronteiras dessa colónia que é um dos florões do império ultramarino da França. Ora, as informações de Londres não pecavam por excesso. O Japão operará *pro domo sua*, pelas matérias primas que lhe faltam.

Resistirá Vichy? O representante norte-americano Leahy já lá deve ter notificado que a ocupação dos portos indo-chineses pelo Japão, traria uma ameaça directa a Bornéo, às Filipinas e a Malaca, e que isso «produzirá a cooperação automática da Inglaterra e dos Estados Unidos naquela parte do mundo». Êste aviso de Londres tem a data de 15. A 19, em S. Francisco da Califórnia, Halifax reeditava-o num discurso à comunidade britânica, afirmando que «a Inglaterra não permitirá que sejam feridos os seus interêsses no Extremo Oriente».

DARLAN

Decoux pode, pois, encontrar-se perante o Japão e as potências aliadas em situação similar à de Dentz diante destas e da Alemanha. É o caso da Síria transitado para outras latitudes, com a diferença de que o Japão agora não está a agir em nome do Pacto Tríplice, para favorecer o qual, Decoux lhe abriu imprudentemente os acessos.

A 23, as negociações entre Darlan e o embaixador japonês em Paris estavam já adiantadas, o que prova que houve os necessários prolegómenos, confirmados aliás por Vichy, no tratado franco-japonês de há um ano. Decoux conferenciou ao mesmo tempo em Hanoi com o almirante Sumita. Eden revelou aos Comuns que o Japão pretendia as bases indo-chinesas, e de Tóquio lançava-se o *slogan*, também um pouco como na *Síria*: «A defesa da Indo-China contra uma acção britânica apoiada pelos Estados Unidos». Knox por sua vez anunciava o perigo dos acontecimentos iminentes.

A 24, de madrugada, de Vichy, anunciou-se finalmente a cedência das bases ao Japão, sob a condição de ser respeitada a soberania francesa — a fórmula das humilhações que aviltam. Ainda como na Síria. A França recebe a responsabilidade da guerra no Pacífico. Para o Norte ou para o Sul? A resposta está dada.

NO OUTRO EXTREMO

Franco

Entretanto, no extremo ocidental da Europa, o generalíssimo Franco fazia ouvir a sua voz por ocasião do quinto aniversário da Revolução Nacional, a 18 do corrente. Êsse discurso vai ser um marco angular na política internacional da guerra e da Península. Franco, alegando a guerra ao comunismo e colocando-se abertamente ao lado da Alemanha, coloca-se também claramente pela Europa contra a América, usando quási das mesmas expressões com que Cudahy, a 6 de Maio, deu a público no *American Magazine Life* as opiniões de Hitler acêrca dos Estados Unidos: «A Europa nenhumas ambições tem na América.

(Continua na página 14)

os grandes chefes militares da guerra

General Sir Claude Auchinleck

«O INIMIGO DEVE SER ATACADO A DISTÂNCIA E EM TODOS OS PONTOS ONDE ÊLE ESTIVER» — foi assim que o general Sir Claude Auchinleck se exprimiu ao sair da India, no dia 1 dêste mês, para trocar o seu lugar de alto comando com o general Wavell. O novo comandante dos exércitos do Nilo tem 57 anos e durante esta guerra desempenhou já três lugares proeminentes: a direcção das operações em Narvique, durante a campanha da Noruega, no ano passado, a orientação do Grande Quartel General do Comando dos Exércitos do Sul e a direcção das tropas da India. Na Grande Guerra de 1914-1918, esteve sempre em lugares de evidência, no Egito, em Aden e na Mesopotamia. Nas campanhas de Mohmand de 1933 e 1935, comandou a Brigada Persa. Terminadas as operações na Síria e no Iraque, os exércitos britânicos da Africa do Norte e do Médio Oriente têm no general Auchinleck um novo comandante, cheio de iniciativa e de valor, a continuar a acção empreendida por Wavell.

CALÇADA DA GLÓRIA

GARRETT

JOSÉ Ricardo — inesquecível actor — contou-me, uma vez, que numa terra da província se representava certa noite o *Frei Luiz de Sousa*. Como no final do 2.° acto a pateada fôsse retumbante pelo mau desempenho, ouviu-se o artista que fazia o papel de *Romeiro* exclamar, furioso, entre os bastidores:

— Imbecis! A patearem Garrett...

DOUMERGUE

NO dia seguinte à sua eleição para Presidente da República, Doumergue descia, de automóvel, os Campos Elísios. As aclamações sucediam-se. De repente, ouviu-se:

— Viva Millerand!

Doumergue murmurou então, com o melhor sorriso do mundo:

— Será possível que, em pleno século XX, ainda haja pessoas que não leiam jornais?

INGLÊSES

JONH Bull dizia-nos, há pouco, fumando tranqüilamente o seu cachimbo:

— Antes desta guerra, para nós, inglêses, o dinheiro valia mais do que o tempo. Hoje o tempo vale incomparàvelmente mais do que o dinheiro — porque será êle que nos fará ganhar a guerra...

PREOCUPAÇÕES

JOÃO Corrêa de Oliveira, que trabalha na sua nova peça *Carlos Marques*, tem duas preocupações constantes: os fígados — e o vinco das calças... Mas todo êle se lamenta de não poder fazer às entranhas o mesmo que faz diàriamente às calças: passá-las a ferro...

MALHOA

MALHOA — o grande artista, agora pintado numa conferência de Almada Negreiros — foi uma ocasião procurado por uma senhora, ainda nova, para que lhe fizesse o retrato.

— Mas garante-me a semelhança? — preguntou-lhe a senhora.

— Penso que sim.

— E por quanto tempo?

Logo Malhoa:

— Esse pormenor é que já não é comigo: é com Vossa Excelência.

AMARANTE

AMARANTE, o ilustre actor tão aplaudido, apareceu, há dias, em plena Avenida, de óculos pretos. Chegara na véspera da sua *tournée* à província onde representou a *Padre Piedade*. A julgar pelas aparências, Amarante não deve ter encarado positivamente a *tournée* com óculos côr de rosa...

A ÁRVORE

TALVEZ nem todos conheçam êste episódio: por isso o conto. Vale páginas de história. Quando Eduardo VII esteve em Portugal, plantou no parque Monserrate, em Sintra, uma pequenina árvore a que simbòlicamente se chamou «árvore de prata». No momento em que o Rei aconchegava sôbre a raiz a terra fresca, alguém comentou para o jornalista José Sarmento:

— A Inglaterra lança as suas raízes no coração de Portugal!

O PAI DE SI MESMO

José de Almada Negreiros é, nos domínios da arte, um autêntico nome de guerra. Não que Almada não seja, em pessoa, o senhor mais pacífico do mundo, mas porque muitas das suas atitudes, ainda que artísticas, o converteram num infatigável batalhador. É certo que a sua espada é o seu lápis e a sua pena: nem por isso o combate é menos aguerrido. Uma tarde, preguntámos-lhe, em pleno Chiado, num encontro ocasional:

— Qual é, neste momento, o seu programa artístico?

Não hesitou na resposta:

— O mesmo de tôda a minha vida. Falar, desenhar, dançar, vitralizar, teatralizar, cinematografar, tomar ar...

Etc., etc. Só há duas coisas de que êle não tem o ar: banalizar — e contemporizar. Física e intelectualmente original, incapaz de se submeter à burocracia e ao lugar comum, conservando, através de tudo, a sua linha imperturbável de artista puro «sans peur et sans reproche», êste Almada Negreiros dir-se-ia uma criação dêle próprio. É pai de si mesmo. Só êle era capaz de ter pintado na cara aquele sorriso e aqueles olhos egípcios. Não vejo outro que conseguisse dar maior fantasia, não apenas ao seu espírito, mas ao envólucro físico que lhe serve de alôjo. Por conseqüência para falar de Almada Negreiros — só Almada Negreiros. No dia em que os seus admiradores lhe quiserem erguer um monumento — já se sabe! — têm de lhe pedir para se sentar êle próprio no pedestal...

CURIOSIDADES

A embaixada especial ao Brasil compõe-se de três pares de óculos — Júlio Dantas, Augusto de Castro e Marcelo Caetano —; dois monóculos — João do Amaral e Carlos Selvagem —; uns óculos sobressalentes — Reinaldo dos Santos; e dois olhos nús — o comandante Vasco Lopes Alves. Eis um ponto de vista donde ninguém ainda a tinha visto!

SOL À NOITE

OS jornais anunciaram recentemente uma toirada nocturna no Campo Pequeno, apontando ao público o preço dos lugares ao sol...

Realmente assistir-se, à noite, em Lisboa, a uma tourada, repimpado num lugar, ao sol, é um fenómeno tão sobrenatural que só seria possível em face dos progressos dêste século.

A MÚMIA

O célebre marechal Augereau, quando um dos seus ajudantes de campo partiu para o Egipto em determinada missão pediu-lhe se êle, na volta, lhe trazia uma múmia.

— Com o maior prazer.

Um ano mais tarde, o oficial regressou e foi a casa de Augereau.

— Então a minha múmia?

— Está lá em baixo.

Não se passou muito tempo que dois soldados não aparecessem trazendo um sarcófago aos ombros: abriram-no; despojaram o vulto que nêle se continha dos seus envólucros arqueológicos; e quando por fim a múmia surgiu, Augureau olhou-a num relance e não se conteve que não gritasse, furioso e cheio de ignorância, para o seu ajudante de campo:

— Então o senhor traz-me uma múmia morta?

UM SÁBIO

O imperador Francisco I tinha por bibliotecário um homem duma sábia modéstia, o famoso Duval. Um dia, certo ignorante fêz-lhe determinada preguntа a que êle não soube responder.

— Entretanto — disse o gnorante — o imperador paga-vos para saber tudo.

— Não, retorquiu Duval, — o imperador paga-me apenas por aquilo que eu sei. Se me pagasse por aquilo que eu ignoro, não chegariam todos os tesouros do império.

PADEREWSKI

O grande pianista, há pouco falecido, encontrava-se na América, em «tournée». Um belo dia em certa cidade, apareceu-lhe o director dum circo propondo-lhe, por alguns milhares de dólares, um contrato memorável: Paderewski entraria numa jaula onde estava um leão e executaria ao piano um nocturno de Chopin.

— Não tem perigo algum, senhor Paderewski — dizia o domador para o convencer. — O leão é complètamente surdo...

— Mas não seria possível — replicou o célebre artista, com visível inquietação — arranjar-se um leão, que em vez de surdo, fôsse paralítico?

SAIAS

PODE afirmar-se, com segurança, que as saias curtas foram para as pernas das mulheres o que a Revolução Francesa foi para os direitos do homem.

A FORTUNA

DEVE ser invejável a sua fortuna! — dizia uma vez Thiers ao grande advogado Berryer.

— Simplesmente umas pequenas economias...

— Umas pequenas economias? Pois não falta quem afirme que oiro corre a seus pés e que lhe não é preciso, meu caro Berryer, senão abaixar-se e apanhá-lo...

Logo o famoso advogado:

— Talvez... O pior é ter de me abaixar...

Luís d'Oliveira Guimarães

o caso da semana

Um documento sensacional que explica como a Iugo-Eslavia se envolveu na guerra

por Carlos Ferrão

DE todos os países ocupados no continente europeu, após uma resistência maior ou menor, pelo exército do Reich o caso iugo eslavo foi, certamente, o que mais impressionou o mundo. Pelas características que antecederam, acompanharam e seguiram a ocupação, pelas condições dramáticas em que esta se operou, pela rapidês impressionante da companha que se liquidou com essa ocupação, a Iugo Eslávia, ainda constitui, actualmente, para muitas pessoas, um motivo justificado de espanto.

O soldado daquêle país tem uma tradição antiga de valor militar, de bravura e de decisão. O seu comando, era tido, há muito tempo, como seguro e cauteloso. Embora a aviação de que dispunham fôsse pouco numerosa e antiquada, essa deficiência era, em parte considerável, compensada pela natureza do terreno em que as operações deviam realizar-se, terreno atormentado e propício a uma rsistência tenaz.

Quando se iniciaram as hostilidades, criou-se a convicção geral de que a Iugo Eslávia não ficaria em circunstância nenhuma vitoriosa. Mas esperava-se, da parte do seu exército e do seu povo, uma resistência que, descontadas as distâncias criadas pelo tempo, fôsse equivalente à que consagrou as fôrças comandadas pelo príncipe Alexandre durante a última conflagração.

Em pouco mais de uma semana a Iugo Eslávia foi ocupada. Sob o ponto de vista militar, o exército alemão realizou uma proeza idêntica às que lhe abriam as portas da Noruega e da Polónia, da Bélgica e da Holanda e lhe entregaram a maior parte do território francês. Sob o ponto de vista político, a ivitória sob a Iugo Eslávia impressionou mais do que qualquer das outras.

Depois do bombardeamento dramático de Belgrado, os alemães penetraram ràpidamente no coração do país. As regiões acidentadas da Bosnia e da Herzegovina foram percorridas pelas tropas mecanizadas tão fàcilmente como as terras baixas da Holanda. Passados os primeiros recontros, a defesa do país não foi nunca mais assegurada por um exército regular, obedecendo a um comando único. Ao espanto da primeira hora sucedeu a derrota imediata.

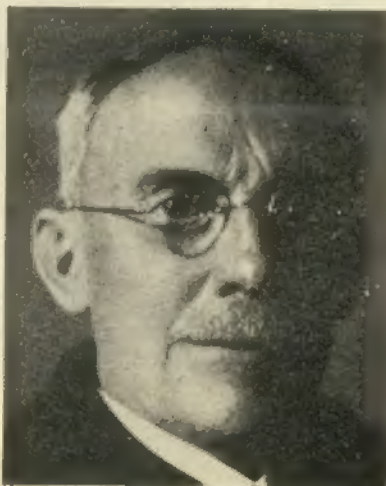
O PAPEL DO DR. MATCHEK

Com a chegada a Londres do rei Pedro da Iugo-Eslávia e do seu primeiro ministro, General Simovitch começaram a tornar-se conhecidos muitos pormenores sôbre os acontecimentos que precederam a derrota da Iugo Eslávia. Os factos revelados e os documentos divulgados vem lançar muita luz sôbre um dos capítulos sensacionais do presente conflito.

Muita gente considera ainda hoje bastante obscura a atitude do chefe do partido camponês, dr. Vlatko Matchek, guia espiritual e dirigente político duma facção importante do povo croata. Depois duma luta prolongada com o poder central, simbolisado pelos dirigentes de Belgrado, o dr. Matchek acedeu a colaborar numa plataforma de união nacional e de cooperação com os sérvios e os eslovenos. Desaparecido da cena política o seu adversário de sempre, o rei Alexandre, o regente, príncipe Vanlo, procurou e conseguiu a colaboração do dr. Matchek que, após um período demorado de negociações, acedeu a fazer parte do govêrno, assumindo a vice-presidência do conselho.

Quando o General Simovitch deu o seu golpe de Estado, contra a orientação seguida até ali para aproximar a Iugo Eslávia das potências do «eixo», o dr. Matchek refugiou-se em Zagreb. Durante alguns dias não se tornou conhecida a sua verdadeira função, até que foi anunciado o regresso do chefe camponês croata a Belgrado e a sua recondução nas funções que tinha desempenhado. Nêsse momento, era já evidente que a política do General Simovitch não podia deixar de conduzir a um rompimento com o Reich.

Durante as hostilidades, o procedimento do dr. Matchek foi de um lealismo impecável, em relação ao novo soberano junto de quem tinha prestado juramento. Mas a sua longa campanha de não resistência, sob muitos aspectos idêntica à do «mahtma» Gandhi na Índia, habituara as massas de trabalhadores rurais da Croácia a acreditar numa solução pacífica das dificuldades que se precipitavam no horisonte da nação. Para muitos dêles a doutrina de não resistência traduziu-se na prática de não resistência. Com o seu procedimento enfraqueceram, de maneira sensível, a capacidade da resistência do país.

A Croácia foi, no conjunto da nação sérvia, croata e eslovena, o ponto fraco por onde a Iugo Eslávia abriu. Se os camponeses croatas do dr. Matcheck não tomaram uma atitude francamente favorável ao Reich, o mesmo não pode dizer-se do grupo separatista «frankovtsi», superiormente dirigido e orientado pelo dr. Ante Pavelich, actual chefe do govêrno do estado croata reconstituído.

DR. MATCHECK

O partido «frankovtsi» recrutara numerosos elementos em várias classes, especialmente nos meios de estudantes, intelectuais e oficiais do exército. Na fôrça armada tinha conseguido uma organização poderosa cujos elementos mais dinamicos eram os subalternos e oficiais novos. Os oficiais da reserva, chamados às fileiras em conseqüência da mobilização, também se revelaram, em grande número, partidários do Reich.

O ministério da Guerra, em Belgrado, estava insuficientemente informado sôbre a extensão do movimento «fankovtsi». Foram os seus filiados que permitiram a penetração do exército do Reich numa região vital para a segurança iugo-eslava.

COMO SE DEU A INVASÃO

O Estado Maior iugo-eslavo tinha imaginado a constituição, na zona fronteiriça, dum cordão de defesa cujo sacrifício permitiria a mobilização completa do exército. As primeiras disposições tomadas nêsse sentido, resultaram. O ministro dos negócios estrangeiros Niniseh, póde prolongar as negociações com o representante do Reich, enquanto o General Simovitch organizava a massa da manobra que devia retardar, com eficácia, a invasão alemã.

O militar e o político sabiam que essa invasão estava iminente e não tinham ilusões sôbre o valor das fôrças encarregadas de a realizar e sôbre a eficácia do material de que dispunham. Mas esperavam poder demorar o ímpeto dos atacantes, primeiro na linha Kossovoplye-Krushevatz-Valyevo, depois na linha do Dirna e finalmente nas montanhas da Herzegovina e do Montenegro onde o uso dos «tanks» devia tornar-se muito difícil.

Este plano malogrou-se por completo. A passagem do Save marcou a primeira fase da derrota das armas iugo-eslavas. As revoltas que se registaram em alguns regimentos croatas assinalaram a decomposição do dispositivo correspondente à primeira linha defensiva. O govêrno do General Simovitch enviou o dr. Matechek a Uzhitse a fim de demover os revoltosos das suas intenções. Esta missão malogrou-se.

Sucessivamente, durante dois dias, continuaram a chegar a Belgrado notícias pormenorizadas de novos motins em unidades constituídas por croatas, ao mesmo tempo que a pressão alemã se acentuava e que a Hungria decidia intervir activamente no conflito. Os croatas prenderam os seus camaradas de origem sérvia e assim se criou a confusão propícia à realização dos objectivos alemães. Quando o govêrno de Belgrado procurou remediar a situação enviando para a zona onde se tinham registado tumultos, oficiais da sua confiança, era demasiado tarde.

Uma coluna motorizada alemã cortou a linha do Save, atravessando a ponte de Shabatz e dividindo irremediàvelmente o Exército da Iugo Eslávia. Os eslovenos, cujo lealismo se afirmou em mais duma ocasião, não puderam, por seu turno, resistir à ofensiva italiana desencadeada ao longo da costa.

UM DOCUMENTO PARA A HISTÓRIA

As personalidades iugo-eslavas recentemente chegadas a Londres com o soberano daquele país referiram-se largamente à acção do chefe do govêrno que assinou a adesão da Iugo Eslávia ao pacto tripartido: Tsvectovich. Em mais duma ocasião se tem afirmado que êste político iugo-eslavo se opôs, na medida do possível, à celebração de qualquer quebra da soberania ou da independência nacional.

Um documento agora revelado confirma, inteiramente esta impressão. Quando as tropas alemãs entraram na Bulgária, o dr. Tsvectocich dirigiu ao príncipe Regente um extenso memorando anunciando-lhe que, ràpidamente, a Iugo Eslávia seria chamada a pronunciar-se. Acentuava que seria inevitável entabular negociações com os dirigentes de Berlim dadas as condições em que a guerra estava a decorrer na Grécia, e que se tornaria indispensável ceder ou resistir. As exigências que o dr. Tsvectovich previa no seu memorando eram de natureza política e militar.

Para o dr. Tsvectovich o Reich escolheria entre um ataque imediato à Grã-Bretanha, dentro da concepção alemã da guerra relâmpago, e uma luta de longa duração para a qual se impunha a conquista do predomínio económico na Europa continental, especialmente na zona dos Balcãs e do Danúbio. Afastada a primeira hipótese para o decurso dêste ano, o chefe do Govêrno iugoslavo mostrava no seu memorando que a segunda não podia deixar de acarretar sacrifícios por parte da Iugoslávia.

Em que consistiriam êsses sacrifícios? Para o dr. Tsvectovich, o Reich pediria, além da adesão iugoslava ao pacto tripartido, uma colaboração militar efectiva ou, pelo menos, uma autorização para que as tropas alemãs pudessem atravessar livremente

(Continua na página 12)

Acontecimentos da SEMANA

O TRANSPORTE DE GUERRA NORTE-AMERICANO «WEST-POINT» de 35.000 toneladas, trouxe dos Estados Unidos para a Europa os funcionários consulares alemães e italianos que, em Lisboa, foram trocados por funcionários similares americanos regressados da Itália, da Alemanha e dos países ocupados. Com êstes, seguiram para a América do Norte a bordo daquêle barco, 600 passageiros, entre os quàis muitos norte-americanos que se encontravam em Lisboa ou que tinham chegado nos últimos meses, refugiados de vários países, em guerra ou ocupados. À esquerda: o «West Point» largando do Tejo para a sua viagem de regresso. Em baixo: à esquerda — o desembarque dos italianos e das suas bagagens; à direita — o embarque dos americanos.

A CANTINA ESCOLAR DA JUNTA DE FREGUESIA DA ENCARNAÇÃO comemorou o 11.º aniversário da sua fundação. Na escola n.º 12, da rua da Rosa, efectuou-se uma sessão de cinema dedicada às cem crianças protegidas por aquêle organismo e às suas famílias. No dia seguinte, no refeitório da cantina, foi servido um jantar aos pequeninos — que se vêem na foto, à direita, envergando os seus uniformes.

NOS JARDINS DA EMBAIXADA DE ESPANHA, efectuou-se, com fins beneficentes, uma autêntica e característica «verbena» madrilena, que teve extraordinária animação. Damos em cima dois aspectos da verbena: À esquerda: um «bar» e as suas gentis empregadas; à direita: o «carroussel» em movimento.

A PARTIDA PARA O ALFEITE da excursão de ferroviários que no domingo passado visitou aquela região.

A SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES promoveu no domingo uma visita de estudo à Sé e ao Castelo de S. Jorge. Os sócios daquela colectividade foram acompanhados pelo director, sr. arquitecto Eugénio Correia, e recebidos na catedral pelo sr. arquitecto António Couto, encarregado das obras de restauro daquêle templo, cujos pormenores descreveu, nos seus aspectos históricos e artístico, bem como os trabalhos em curso.

MARCUS CHEKE, adido de Imprensa junto da embaixada da Inglaterra, teve uma brilhante recepção no Clube Inglês do Pôrto. À festa assistiram as figuras de maior representação da colónia britânica na capital do Norte.

O ESTADO EM QUE FICOU O AVIÃO que se despenhou próximo de Espinho, causando a morte ao sr. tenente-coronel Cunha e Almeida e a seu filho.

ASSISTÊNCIA À FESTA NACIONAL FRANCESA efectuada há dias no Consulado da França no Pôrto, com a assistência de numerosas famílias da colónia.

PORTUGAL 1941

Por Alice Ogando

(Continuação da segunda página)

AMOSTRAS SEM VALOR

Por determinação oficial, segundo nos informa um dos nossos diários, foram suspensas as encomendas postais e amostras sem valor de determinados artigos, entre êles veículos, embarcações e animais vivos.

Devo confessar sinceramente, que não havendo uma grande vantagem de nos desfazermos de barcos e não tendo eu, particularmente, a menor necessidade de mandar veículos para onde quer que seja, numa só coisa me sinto lesada por esta determinação: o que diz respeito a animais vivos.

Se cada um de nós se der ao incómodo de pensar um segundo, achará sem dificuldade, por desgraça nossa, um animal vivo de que gostosamente nos libertaríamos, mandando-o, como amostra sem valor, para onde não cause perca nem dano.

Mas como nem tudo pode ser mau nesta vida, foi suspensa também a exportação de insecticidas.

Que êles nos sirvam para combater os incómodos animais vivos que zumbem como abelhas, destilam veneno como serpentes e mordem como homens!

ALBERTO DE SOUSA E A CRÍTICA

O nosso grande aguarelista Alberto de Sousa, foi trabalhar para o Terreiro do Paço, numa das suas notáveis aguarelas que expôs recentemente no Estoril.

À sua volta juntava-se povo; os curiosos espreitavam e era fácil o artista ser alvo de um gracejo, de uma lisonja e até de uma ironia.

Impassível, Alberto de Sousa continuava a trabalhar.

Mas eis que, pelo terceiro dia, implacável, demolidora, surge a crítica. Desta vez vinha incarnada numa gorda mulher de chale e lenço, trazendo um cabaz suspenso no braço forte, uma autêntica natureza morta.

O estranho da cena surpreende-a. Pára. Olha. Entretanto, junta-se povo e quando ela verifica ter já auditório suficiente, lavra a sua sentença, desdenhosa, num significativo encolher de ombros:

— Coitado, é assim que êle ganha a vida.

E lá se foi solene, majestosa, certa de ter dito a última palavra.

Alberto de Sousa ouviu, sorriu, e continuou a pintar.

— E você que disse — quis saber, neste eterno desejo feminino de buscar o porquê das coisas.

O artista, muito amável, explicou:

— Nada, minha amiga. Já estou habituado!

E que a mulherzinha da «natureza morta» se vai zangar quando souber que o pintor vendeu a aguarela!

CORAÇÃO DE MULHER

Pode negar-se tudo na vida, uma só verdade continuará imutável: o tesouro precioso que é um coração de mulher, fonte inexgotável de ternura. No dia em que a mulher pensar com o coração, deixa de ser uma roda e passa a ser um bosque cheio delas.

Eu tenho uma amiga que usa coração e lê o jornal, dois predicados de que nem todos se podem gabar.

Há dias, a «República» publicava a fotografia de um marinheiro, tendo, ao colo, o seu gato, a sua «mascotte».

Extáticos, os seus olhos contemplam a imagem mal impressa, e exclama, em voz doce, muito doce:

— Coitado do gatinho! Daqui a pouco vai ficar sem o dono!

A isto é que se chama conhecer os homens!

VIAGEM PRESIDENCIAL

O arquipélago dos Açores vai receber a visita do Senhor Presidente da República. Vestem galas as nossas ilhas; a palavra Pátria soa forte, em todos os corações.

A viagem do Senhor General Carmona terá, para o espírito daqueles a quem um receio ou uma dúvida assalte nesta hora decisiva da vida internacional, um valor simbólico. É assim como se escutassem um grito forte, um brado seguro e firme, ressoando através de todo o arquipélago: Aqui, Portugal!

O CASO DA SEMANA

(Continuação da pág. 9)

o território da Iugo Eslávia. Que fazer nessas condições? Qualquer das hipóteses era de molde a envolver, mais cêdo ou mais tarde, a Iugo Eslávia num conflito com a Grã-Bretanha e com os seus aliados. Esta perspectiva não tinha as simpatias nem a adesão do dr. Tsvectovich que se opôs formalmente à sua realização.

O memorando Tsvectovich terminava com estas palavras: «Devemos preferir ser atacados directamente a ser destruídos, pouco a pouco, depois de isolados. O nosso destino será o mesmo; mas os caminhos para chegar a êle são diferentes. Se formos atacados e resistirmos, salvaremos a honra o que não deixará de significar alguma coisa quando a guerra acabar».

O príncipe regente tinha uma opinião diferente da que o chefe do govêrno manifestava no seu memorando. Para êle, a Turquia não entraria em nenhuma coligação com os povos balcânicos inclinados a resistir. As palavras do dr. Sarad Joglu, ministro dos Estrangeiros de Ankara, não bastavam para o convencer do contrário. Durante uma visita a Berchtsgaden, em 6 de Março, o príncipe Paulo trouxera da sua entrevista com o Führer a convicção pessoal de que a política de resistência não tinha viabilidade nem sob o ponto de vista político,nem sob o ponto de vista militar. Foi por isso que, a-pesar do memorando Tsvectovich, assumiu pessoalmente a responsabilidade de ordenar a adesão da Iugo Eslávia ao pacto tripartido com as reservas que oportunamente foram reveladas.

A Terra francesa ressuscita

«UM TERRENO INCULTO É UM POUCO DA FRANÇA QUE MORRE» — declarou o Marechal Petain numa das dos suas primeiras mensagens ao povo. Êste apêlo foi imediatamente ouvido e, logo a seguir ao Armistício, a juventude lançou-se ao trabalho. Os desmobilizados, os jovens e até os homens de idade compreenderam, desta vez, que era a existência do país que estava em jôgo. A França tinha de prover às suas necessidades. Tinha todo o auxílio económico exterior cortado. O Marechal dava-lhe a orientação que poderia salvá-la.

JOVENS DESMOBILIZADOS, sem trabalho, tomam a enxada e a picareta para desbravar as terras incultas. Os aldeões ajudam estas equipas.

RESPONDENDO AO APÊLO DE PETAIN, os jovens pioneiros vão tomar conta das terras. A juventude vai, com entusiasmo, para esta conquista. Nos campos onde, até então, apenas tinham prevalecido as iniciativas privadas, começou uma cultura apropriada às necessidades actuais.

NO MEIO-DIA, onde só vinhas se cultivavam, conheceu-se que era necessário semear trigo para substituir o da Beauce. No Massiço Central, semeou-se a «colza» que vinha da Normandia. Em Mougins, nos Alpes Marítimos, a municipalidade confiou um terreno inculto a equipas de jovens desmobilizados. Enquanto outrora se não obedecia senão a objectivos comerciais, mais ou menos influenciados pelo decorrer dos mercados externos, a agricultura dirige-se hoje no sentido da produção imediata sem espírito de lucro. Por tôda a parte, em França, empreendeu-se a obra de renascimento. Em aldeias abandonadas, em terras incultas, em propriedades pessoais, por tôda a parte se cava, se monda, se edifica, se constrói. A terra de França não poderá morrer.

PANORAMA INTERNACIONAL

Ventos do Oriente, ventos do Ocidente

Por Francisco Velloso

(Continuação da página seis)

Uma intervenção do continente americano nesta guerra tem conseqüências incalculáveis. Uma guerra entre a Europa e a América seria uma loucura criminosa». Depois acusou a fundo os Estados-Unidos de terem impedido de partir para Espanha 100 mil toneladas de cereais já comprados, porque a Espanha não se submeteu «a exigências políticas incompatíveis com a sua dignidade». Quanto à Inglaterra, o chefe do Estado espanhol enunciou assim o seu ponto de vista: «A guerra europeia está desde já perdida para a Inglaterra e para os seus aliados». A guerra na Rússia foi apresentada, a par da guerra dos continentes, como um supremo recurso britânico. Os jornais portugueses publicaram em Maio uma nota oficiosa da Embaixada inglêsa em Lisboa sôbre os abastecimentos da América à Espanha a qual deve reter-se para compreensão do vasto alcance das palavras do generalíssimo, que, dias depois, recebiam singular ilustração na descoberta de uma conjura alemã na Bolívia, a qual determinou a expulsão do ministro alemão Wendler e comoveu alarmantemente outros Estados da América Central e do Sul.

Eden, seis dias depois, respondeu que o seu govêrno «não continuaria com o seu plano de auxílio» e que «a sua futura política dependerá das acções e atitudes do govêrno espanhol».

UM PAR DE LUVAS

SUMNER WELLES

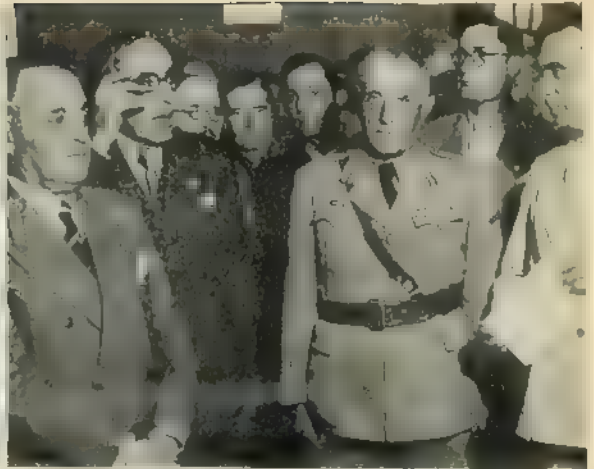
Diante dêste quadro, aparece anunciada da emergência nacional absoluta ou ilimitada nos Estados Unidos. Roosevelt, numa mensagem ao Congresso, preveniu êste contra a deflagração da guerra em acelerado. O caso de Dakar e do Senegal, são postos ja sôbre a mesa presidencial com tôda a gravidade. O exército norte-americano precisa de ser mantido em massa nas fileiras.

Atrás do presidente, veio o subsecretário dos negócios estrangeiros, Sumner Welles, afirmar que os Estados Unidos possuem informações oficiais de que Hitler (e para isso não teria de entravar a sua ofensiva contra a Rússia) vai ampliar a sua guerra. Marshall, chefe do Estado Maior norte-americano, declarara dois dias antes em Washington: «Não sabemos qual será o próximo movimento alemão mas temos desconfianças de que poderão ser a Espanha, a Africa e outros paises por êle rapidamente abrangidos. Sumner Wells, que desmentiu as acusações de Franco, confirmou-o aludindo claramente a Gibraltar.

Como se vê, o tiroteio crepita como revoada de balas por canos de metralhadora. Sem descermos a pesar o alegado por qualquer das partes, não podemos deixar de nos precavermos contra as tempestades que já rolam seus trovões rumorosos nos horizontes.

...Em Junho, Churchill melindrou-se nos Communs quando lhe disseram que a Inglaterra fazia a guerra com luvas de pelica. E o informador da *Reuter* convidava-o a enfiar os guantes dos *boxeurs*. Sempre valem mais que o guarda-chuva que quebrou as varetas em Munique

NO BAIRRO DA AJUDA, inaugurou-se, há dias, um parque infantil — Jardim da Infância — que faz as delicias da petizada daquelas redondezas. A sr.ª D. Maria do Carmo Fragoso Carmona presidiu à cerimónia inaugural.

O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO E O EMBAIXADOR DO BRASIL, sr. dr. Araújo Jorge, assinando o protocolo adicional ao acôrdo de 1933 sôbre as relações económicas e comerciais entre Portugal e o país irmão do outro lado do Atlântico.

O SR. TENENTE-CORONEL COUTINHO DE CASTRO, comandante distrital de Lisboa, da «Legião Portuguesa», foi homenageado recentemente, por ter passado o 3.º aniversário da sua posse. Na foto, vê-se o sr. general Casimiro Teles.

O GRANDE ARTISTA ALMADA NEGREIROS fazendo, na Sociedade Nacional de Belas Artes, a sua conferência sôbre a vida, a obra e a personalidade do extraordinário pintor que foi José Malhoa — o artista do Sol.

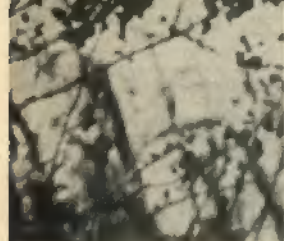
O COMISSARIADO DO DESEMPRÊGO procedeu à distribuição de vestuário e calçado a 2.888 crianças filhas de desempregados inscritos pelas 43 freguesias da capital. A foto mostra-nos um grupo dos pequeninos beneficiados.

A FESTA DE ENCERRAMENTO do ano lectivo no Asilo de D. Maria Pia foi preenchida com uma exposição de trabalhos escolares e uma parada de ginástica dos educandos, da qual damos uma expressiva fotografia, mostrando a maneira impecável como os exercícios foram executados. (Fotos feitas com películas «Ferrânia».)

A campanha da RÚSSIA

APÓS VIOLENTO COMBATE, um grande «tank» soviético incendeia-se. À esquerda, uma patrulha motociclista alemã.

OS CARROS BLINDADOS ALEMÃES deparam numa aldeia soviética com uma estátua de Lenine a discursar. O monumento foi completamente destruído.

EM CIMA: A parte central de Móscovo, onde a aviação do Reich tem causado prejuízos. À DIREITA: Casas duma cidade finlandesa incendiadas pelos sovietes.

EM CIMA — À esquerda: Tropas alemãs atravessam um rio na frente oriental, servindo-se de barcos de madeira e borracha, com pequenos remos. À direita: Uma companhia de infantaria alemã avança ao longo duma das estradas da antiga Polónia, ocupada pelas tropas russas.

À direita: COMO SE OPEROU A ENTRADA DUM DESTACAMENTO ALEMÃO numa aldeia russa. Fôrças de infantaria e soldados transportados em motocicletas e automóveis entram na povoação às primeiras horas da manhã, após violento combate.

O CORONEL BRAUER, oficial que se distinguiu em muitas campanhas e que foi condecorado pelo «Führer» com a Cruz de Cavaleiro da Cruz de Ferro, vê-se na foto à direita a dirigir as operações de paraquedistas.

Maternidade

Novela por Maria Archer

EM 1910, a ilha de Moçambique ainda conservava a sua antiga fama de presídio. Raros europeus se animavam a levar consigo a família para o ilheu de coral branco onde os portugueses, desde o tempo de D. João de Castro, mantinham fortaleza de pedra e senhorio permanente.

Haveria, então, na cidade duas centenas de brancos, entre funcionários, comerciantes, e militares. As mulheres brancas talvez não chegassem à dúzia, tôdas casadas, e nenhuma dada à galanteria. Raparigas solteiras, destas que se namoram para casar, também não havia nenhuma, nem mesmo mulata. As poucas mulatas residentes na cidade, Venus bronzeadas e fáceis, estavam colocadas com segurança e só a poder de maiores vantagens se desalojava alguma da casa do dono. As indígenas, quási tôdas macúas de negro retinto, bem enroupadas nos seus panos claros, pingadas de missangas, vinham à tarde da **Ponta da ilha**, o bairro negro de Moçambique, e mostravam-se pelas ruas. Eram o «eterno feminino» local.

Lídia era uma mulata escura, filha de preta e de branco, com a carapinha curta e rebelde ao pente, os lábios grossos, prognatas, amachucados sob o nariz africano. A mãi, uma indígena macúa, vivera muitos anos com o Caetano Silva. Êste era comerciante de embarques, homem de fortuna, com grande proa de pessoa importante em Moçambique e na metrópole.

Lídia tinha seis anos quando o pai, no regresso duma viagem a Portugal, apareceu na ilha casado com uma senhora branca.

Ela e a mãi esperavam-no em casa, ataviadas de panos finos, com o jantar na mesa e os vinhos a refrescar. Já partira para o navio o escaler da casa. O pai não podia demorar-se.

Lídia recordava-se, sempre, dêsse dia terrível. Sentira a tragédia sem a compreender. De quando em quando reapossava-se dela o mesmo terror sentido no dia longínquo. Tremia. Passavam os anos e não lhe passava a lembrança atroz. Os pesadelos traziam-lha com renovada angústia.

Aparecera o empregado da casa, vindo no «riquichó» em fuga desabalada. Entrara de roldão, com uma cara esquisita, enfiada, e a voz balbuciante. Pegara-lhe na mão, deitara a outra ao braço da preta. E em voz baixa, apressado:

— É o patrão que manda... Vamos embora, que êle casou, e chega aí com a senhora...

Arrastara-as, ambas colhidas de surpresa, inconscientes, com a sensação de que uma grande catástrofe pairava sôbre elas. Não jantaram. Passaram a noite no armazém, estendidas na esteira, ouvindo as corridas dos ratos.

— O que é isso do pai casar, mãi?

— Parece que arranjou outra mulher... Não me importa, se eu ficar com a minha filha...

De manhã, antes de começar a labuta dos trabalhadores, o pai fôra ao armazém. Vinha maçado, de cara torcida, e com a voz dos dias em que batia em tôda a gente. Falara muito, gritando, dando patadas no chão, de punhos erguidos à altura do rosto da mulher. Por fim agarrou-a, sacudiu-a nas mãos como um saco mal cheio, e atirou com ela sôbre o lagedo. Pegou na mão da filha e levou-a, deixando a preta caída por terra, aos gritos, como se lhe arrancassem a pele.

Lídia entrara em casa pela mão do pai e vira a madrasta, uma senhora branca e bonita, sentada na cadeira de baloiço, apanhando o fresco do «pancar». Teve-lhe medo. Pensou, vagamente, que talvez aquela senhora comesse muleques... Talvez a quisesse comer... Por isso a mãi gritava tanto...

A senhora fêz-lhe uma festa na cara.

— Ah! Já está crescidinha. Já pode ir para o colégio, disse a senhora.

Deu-lhe uns brinquedos, um livro de estampas, e não se ocupou mais dela. Lídia foi para o quarto com os brinquedos. Quis sair, ir procurar a mãi ao armazém. A aia segurou-a.

— A mãi foi à Cabaceira Grande. Só volta para a semana...

— Achas que trará cajus?

— Pois decerto...

No dia seguinte, os criados contaram à pequena que a mãi aparecera morta, numa cisterna da Cabaceira Grande.

— Afogada, como no mar...

— E isso é mal?

— Muito mal. Não volta. Metem-na debaixo da terra...

Lídia levou uns dias a perceber o que se passara.

— É que o patrão mandou a sua mãi para a terra, lá muito longe, no mato.

— E ela não queria ir?

— Ela queria ir, mas havia de levar a menina. E o patrão quere mandar a menina para o colégio, na terra dos brancos...

— E então porque se deitou a minha mãi à cisterna?

— Porque queria estar ao pé da filha...

Lídia chorava, sem compreender tôda a extensão da tragédia, mas sentindo que acontecera uma coisa medonha. A sua mãi ia para debaixo da terra...

Tinha a certeza que a desgraça sucedera por culpa do pai. O pai! Era mau... Odiou êsse pai capaz de fazer mal. Passou a esconder-se quando lhe sentia os passos. Nunca mais caminhou na frente dêle, com medo de que o pai, ao apanhá-la distraída, lhe desse pontapés.

No mês seguinte Lídia foi para o Congo belga, para o colégio das «Irmãs», acompanhada pelo caixeiro, que a deixou em Dar-es-Salam. Ia educar-se, dizia o pai. Ela bem sabia que a mandavam embora, como à mãi, porque o pai tinha casado.

Doze anos depois, por morte da madrasta, o pai mandou-a buscar a Dar-es-Salam. Viera num «pangaio», com as famílias dos «monhés» que regressavam da Índia.

Lídia, nesse ano de graça de 1910, entrou em Moçambique como numa terra desconhecida. O pai, à chegada à ponte, dera-lhe a mão a beijar.

— Deus te abençoe... Pois estás uma mulherzinha...

— Já tenho dezoito anos...

Caminhou atrás dêle, instintivamente, até ao «riquichó».

Estava muita gente na ponte e fitavam-na com interêsse. Lídia vestia um vestido branco, simples e modesto, que lhe ficava bem. Trazia chapéu e luvas, o que, na terra, era luxo inusitado. Os homens, na cidade sem mulheres, admiraram a colegial como uma flor de elegância.

O pai deu-lhe as chaves da despensa, do armário das roupas, da gaveta do dinheiro, e recomendou-lhe que governasse a casa.

Lídia ficou sòzinha com as suas recordações de criança. Chorou. Aquele homem! Por causa daquele homem morrera a sua mãi... Via-o às horas das refeições. Pedia por êle a Deus, como as Irmãs lhe tinham ensinado. Mas odiava-o.

Passava os dias sòzinha, em casa, conversando com as velhas criadas. Um dia, se pudesse, iria à Cabaceira Grande ver o túmulo da mãi. E a cisterna onde se afogara... E traria os seus ossos para Moçambique, para o cemitério dos cristãos.

— O seu pai nunca deixará...

— Talvez, quando eu fôr mais velha...

Teve uma filha, uma creoulinha galante...

— A menina não tarda a casar-se e depois fará o que quiser, sem pedir licença ao pai...

— Achas que me caso depressa, Fátima?

— É com um branco, menina. Andam aí às dúzias na rua, a ver se a cocam à janela...

Lídia, desde então, pôs-se a pensar no casamento.

No primeiro domingo, acompanhada de duas aias pretas, Lídia saiu para a missa. Era cedo, não parsava ninguém na rua, nem se viam janelas abertas. Só no terraço da casa fronteira à igreja um homem, vestido de quimono chinês, se esforçava por lançar no ar um papagaio de papel. Passavam na rua os indígenas.

O homem parou, mal viu a mulatinha, e ficou-se quieto, quási boquiaberto, com a estrêla de papel de côr caída ao longo da fachada.

Daí a minutos Lídia via-o entrar pela igreja, encostar-se ao altar mais oculto, e seguir a missa de olhos fitos nela.

— Quem é êle, Fátima?

— É um médico... O patrão conhece-o.

Artur Gonçalves escreveu-lhe, no dia seguinte, uma carta entusiástica, peitou-lhe os criados, fêz-se encontrado com ela no armazém, quando simulava procurar o Caetano da Silva para coisas de negócio. O namôro estabeleceu-se. Seguiu-se o pedido e o casamento.

— Eu, por mim, preferia que te casasses com um canarim... — dizia o pai.

Lídia só via que ia casar, sair daquela casa, deixar de falar àquele homem terrível. Não tinha escolhido. Casaria com um branco ou um canarim, com o primeiro que quisesse casar. Seria uma espôsa honesta, cristã, como as Irmãs lhe tinham ensinado. Amaria o seu marido logo depois de Deus...

Mas não sabia, sequer, o que era amar.

Casou. Teve uma filha, uma creoulinha galante, aloirada, que o pai e o avô adoravam.

— Quási branca...

Pela primeira vez na vida, Lídia era feliz. O marido amava-a. Na cidade, tôda a gente a respeitava, se curvava muito baixo diante da mulher do médico que era filha do rico Caetano da Silva. A sua côr mulata atenuava-se ante a visão contínua da multidão indígena. Lídia sentia-se quási branca, e igual às brancas nos modos e na educação. Trouxera do colégio uma certa cultura de espírito que excedia a das senhoras da cidade. Falava francês, conhecia livros, citava Lafontaine e Molière. Daí lhe vinha um certo prestígio de mulher erudita de que o marido se ufanava muito.

Tôda a gente a convidava, mesmo a mulher do Governador, que era fidalga e «snob».

Em sua casa, dava jantares, chás, recepções. Era um verdadeira senhora... Se pudesse esquecer-se de que era, também, mulata...

Uns anos passados, o Caetano da Silva morreu. Lídia herdou-lhe os bens, e o marido, cansado da África, resolveu liquidar a fortuna do sogro para viverem em Portugal.

— Vais gostar... Para quem tem dinheiro é um paraíso. E depois há a família, sempre se está acompanhado dos nossos... Verás a festa que te fazem...

A liquidação rendeu-lhes uma fortuna. Saíram de Moçambique em cabines de luxo, Lídia enroupada em vestidos de Paris. E dispuseram-se a residir na terra de Artur, em Trás-os-Montes, com a filha, uma aia preta e um criado macúa.

Instalaram-se, com grandeza, numa quinta às portas da cidade, e Lídia começou a receber as visitas da família e relações do marido.

— Ah! É tão escura!

— Parece preta...

— O que o Artur foi fazer.

— Dizem que é rica...

— Querem ver que o Artur casou com separação?...

— Já me informei. É meeiro...

— Então que a ponha com dono...

— É muito preta, isso é...

— Cheira a catinga...

Pouco tempo depois, Artur, atenazado pela família e os amigos, já odiava a mulher que tanto amara. Via-a agora tal qual ela era, mulata escura, desageitada de corpo, com a carapinha curta e dura como a das pretas. «E prendera o seu destino ao daquele verdadeiro monstro...» Desejou-lhe a morte. Da filha, gostava muito. O sangue africano mal se lhe notava no moreno mais forte da pele, nos lábios grossos, no cabelo de ondulado forte. Era bonita, mesmo. Corria a quinta de manhã à noite com o criado preto, falando macúa, e provocando admiração com a gentileza do seu tipo creoulo.

— Ninguém dirá que nasceu duma mãi tão fusca...

Artur Gonçalves tomara-se logo de amores por uma prima, uma serigaita azougada que lhe falava continuamente em casar.

— Divorcia-te... Manda a mulata para a África.

— E a pequena?

— Vai para o colégio, para se educar...

Tôda a família conhecia e animava a paixão do Artur. Contavam mesmo com êsses amores para o esporearam contra a mulata.

— Ficas meeiro nos bens e podes até arranjar as coisas e apanhares ainda melhor...

— E casas-te com a Matilde...

Nos serões familiares, em redor da braseira, discutia-se pacatamente o próximo divórcio do Artur e a conveniência de concentrar no casal os haveres da Matilde e a fortuna da mulata.

Lídia ia sentindo formar-se o ambiente hostil. O marido mal lhe falava. A família dêle quási a não visitava. Respondiam-lhe a tôdas as frases com azedume. A cunhada, certo dia, tentara provocar um desfecho rápido e atirara-lhe à cara o primeiro insulto:

— Sua negra!

A sogra, mesmo, simulando uma afeição maternal, já insinuara que Lídia deveria viver melhor em África.

— Que a gente quere-se com os seus iguais...

Lídia refugiara-se no amor de Deus. Freqüentava muito os franciscanos. Juntara-se às zeladoras da Capela Nova para manter o asseio da igreja, organizar festas, cantar nos coros. Recordava o seu tempo de colégio, os conselhos das Irmãs, o que elas lhe diziam da maldade dos homens. E tinha saüdades de Moçambique... Se não fôsse a fortuna do pai, ainda lá estariam... E em Moçambique não lhe atiravam à cara com a raça negra da mãi. O mal provinha do dinheiro do pai... do pai...

Por fim, o marido separou os quartos. Questionava com ela todos os dias. Chegara a bater-lhe.

— Quero o divórcio, ouviste? Anda, mexe-te, pede o divórcio!

— Se me dás a minha filha, é hoje mesmo...

— Raios te partam, negra do inferno!

Artur comprara uma quinta em Sabrosa, perto da quinta de Matilde, e passava as semanas inteiras.

Lídia sentia-se escorraçada. O isolamento, em tôrno dela, era cada vez maior. Já ninguém a visitava. As próprias criadas a tratavam com desdém. Se as despedia, saíam a bater com as portas e a clamar:

— Não estou para aturar pretas!

Em tôda a cidade se formara, contra ela, um cêrco lento e seguro. Todos ambicionavam vê-la partir, deixando o dinheiro na terra. Lastimavam o Artur:

— Tão mal empregado...

As crianças da rua insultavam-na, ora chamando-lhe negra, ora mulata, ora espirrando na sua passagem: «Atchim! Atchim!» Lídia deixou de sair, até mesmo para ir à igreja. A cidade inteira repelia-a, expulsava-a da terra dos brancos, atirava-a para a sua África natal.

— Se não fôsse a pequena... — murmurava ela, nos seus solitários passeios pela quinta.

Dois anos assim, de vexames, de tortura, de indecisões. O marido na quinta de Sabrosa, ela na cidade.

Um dia, Artur apareceu em casa, sorridente, quási amável.

— A pequena?

— Está na quinta, com o muleque.

— Veste-a, para a levar à feira...

Lídia vestiu a garota, pôs-lhe o chapèuzinho, recomendou-lhe que não largasse a mão do pai.

— Por causa dos automóveis...

Saíram os dois, ela garrula, êle sorridente. Lídia ficou-se a ver a filha da janela, mirando-se na sua graça. E viu-a pela última vez.

Momentos depois, recebia uma carta. Artur comunicava à mulher que ia pedir o divórcio, baseando-se na mancebia dela com o criado preto. Tinha testemunhas do facto, nas criadas, nos trabalhadores da quinta, nas pessoas da família. E ficaria com a filha... Aconselhava-a a partir quanto antes para a África.

Lídia chamou o macúa e leu-lhe a carta.

— A senhora quere que eu mate êsse homem? — preguntou o preto, depois de pensar uns momentos.

Ela fitou-o com assombro.

— Parece-me que o que eu quero é morrer...

— O patrão vai casar com uma branca, diz essa gente da quinta...

— Ah...

Lídia refugiou-se no oratório. Chorou tôdas as suas lágrimas aos pés do Cristo que as Irmãs lhe tinham ensinado a amar. De joelhos, dobrada sôbre o genuflexório, sentiu que na sua mente se precisava a imagem dêsse dia longínquo em que o pai a levara, quási à fôrça, do armazém onde a mãi gritava no chão. A sua mãi, que morrera, afogada numa cisterna da Cabaceira Grande, quando lhe tiraram a filha...

Já nessa tarde o homem das regas encontrou o corpo da mulata no fundo do poço, com o retrato da filha entalado entre o peito e o vestido.

PIM...

Por Stuart Carvalhais

— Está lá? É o sr. Pindéla? Peço-lhe o favor de vir hoje tratar do meu calo n.° 5.

— Já são dez horas e ainda não aviei metade da freguesia. Que vida a minha!...

— A senhora está?
— Faz favor diz-me quem é.
— Diga-lhe que é o Pindéla.

— Quem é?
— Está lá fora o Pim... da senhora...

O Rei PEDRO em INGLATERRA

O REI PEDRO DA IUGOSLÁVIA — 17 anos que conheceram já uma vida de pacata regência, um trono e um forçado exílio — chegou agora à Inglaterra com o seu Primeiro Ministro, aguardando na capital do Império Britânico a evolução da guerra. Nesta foto vemos o jóvem rei passeando num parque londrino com o irmão do soberano inglês e seu amigo, o Duque de Kent.